

**Marcus Alexandre Mendes de Andrade**

**São Vicente entre dois mundos  
(I-II)**

*Prefácio de Wilhiam Luiz de Lima*

**2021**



*Será bom, como me dizeis, formá-los na vida interior.  
Sem isso, uma pessoa bem cedo acaba vendo chegar ao fim  
o seu fervor. (II, 421)*



*À Família Vicentina, que me formou para  
amar e servir aos Pobres.*



## PREFÁCIO

As histórias da vida dos santos são sempre animadoras. Elas são capazes de nos inspirar. Na verdade, o sentido da vida e da história dos santos é para nos dizer: se esta pessoa conseguiu, eu também consigo ser santo. Mas, neste aspecto, algumas biografias parecem estar distantes demais de nossas potencialidades. Alguns santos tiveram uma vida extraordinária, outros fizeram milagres ainda vivos. Assim, fica exigente demais conseguir fazer algo do tipo.

A vida de São Vicente de Paulo não. É uma vida diferente, com alguns sentimentos parecidos com os de nossa vida comum. No início de sua vida e de seu ministério, Vicente de Paulo era alguém preocupado demais com seus interesses, muito ocupado em buscar satisfação e status. Era alguém desconectado da realidade do seu ministério e das necessidades do povo de seu tempo. Alguém egoísta. E ele mesmo dizia possuir um humor ácido, ser uma pessoa de temperamento forte; difícil de conviver. Talvez por consequência dessas suas características. Há de se destacar ainda, sua experiência de crise de fé.

Vicente conseguiu sair da sua bolha, romper com seu complexo de que era uma pessoa boa, suficiente, cheia de qualidades a seus olhos, para ter uma verdadeira experiência de Deus, no contato com os irmãos necessitados. Assim se converteu, por meio da vivência da oração e da percepção da necessidade dos Pobres, necessidade de pão, de formação e de cuidado espiritual.

A partir do momento em que Vicente de Paulo conseguiu dar novo sentido à sua vida, atento à experiência do Evangelho, reconhecendo o Cristo como sentido de sua vida, a santidade ganhou espaço em si e se tornou horizonte de sentido. Dessa forma, Vicente colocou sua vida a serviço do Reino, em amor aos Pobres e

a favor de Cristo, meta da missão. Conseguiu alcançar a santidade e assim contagiar a nós, ainda hoje, tanto quanto uniu irmãos junto de si, em busca de constituir uma grande obra de caridade.

A vida de Vicente de Paulo nos atrai e nos convence de que é possível ser santo. Se ele conseguiu superar seu egoísmo e seu jeito carrancudo, nós também, mesmo que seja aos poucos, conseguiremos ser pessoas cada vez melhores. Nossa decisão precisa superar nossas dificuldades internas, nos integrar enquanto criaturas amadas de Deus, destinadas a vida com ele, postos a serviço do Reino.

Mas essa tarefa não nos é menos exigente, na atualidade, do que o foi para Vicente, há mais de 400 anos. Se naquele período imperava a pobreza, hoje essa mesma realidade volta a assombrar nosso país; se naquele período o povo estava desassistido espiritualmente, hoje as várias espiritualidades reforçam o subjetivismo e uma mística descolada da realidade; se faltava formação para o clero ou mesmo espírito missionário, hoje experiências de Deus diferentes do Deus de Jesus Cristo, portanto estranhas, ganham espaço em vários meios e desvalorizam a relação e a imagem do Deus conosco.

O que nos consola é saber que não precisamos, de fato, fazer nada extraordinário. Assim como Deus age na simplicidade junto de nós e ao longo da história da humanidade, ele caminha conosco em nosso itinerário de realização da vontade dele em nós. Basta colocarmos como nosso horizonte a conformação à vida de Jesus Cristo e nos revestirmos dele insistentemente. Assim, seremos cristãos autênticos com um testemunho missionário vivencial. Não aceitaremos a mínima desvalorização da vida humana e da dignidade de qualquer pessoa; não nos deixaremos levar pela bola de neve da corrupção de qualquer coisa que nos afasta de Deus;

não perderemos nenhuma oportunidade de dar testemunho cristão, não apenas por palavras, mas, sobretudo, pela ação.

Dessa forma, Vicente de Paulo se torna estilo de vida: vicentino ou vicentinismo. A meta é Jesus; Vicente de Paulo é exemplo de como alcançá-la.

É isso, é essa vivência, é esse estilo de ver a vida e de viver que a leitura de *São Vicente de Paulo entre dois mundos (I-II): Meditações sobre suas Obras Completas* nos propõe. Marcus Alexandre Mendes de Andrade, como escritor sempre simples e aguçado, nos convida a isso neste itinerário.

A partir de uma leitura das obras completas de Vicente de Paulo (neste livro, com especial atenção para os dois primeiros volumes), será possível meditar sobre vários temas preciosos para nós, na busca da santidade cotidiana. Profundo conhecedor de São Vicente e de suas obras, institucionais e literárias, o autor nos convida agora a ver a atualidade e as possibilidades de reflexão e vivência disso tudo. Afinal, viver como Vicente de Paulo viveu, apaixonado por Cristo e convencido de sua forma de viver, na evangelização dos Pobres, torna-se para todos um projeto de vida, um projeto sempre muito atual.

*William Luiz de Lima<sup>1</sup>*

*07 de julho de 2021*

*(146 anos da morte do*

*Servo de Deus Dom Antônio Ferreira Viçoso, C.M.)*

---

<sup>1</sup> William Luiz de Lima é professor de Filosofia. Também estudou Teologia, na FAJE, em Belo Horizonte-MG. Atualmente, estuda Psicologia, na UFTM, em Uberaba-MG. Foi membro da Província Brasileira da Congregação da Missão de 2012 a 2016.



## INTRODUÇÃO

### Por que “São Vicente entre dois mundos”?

Minha aproximação com São Vicente de Paulo se deu ainda na infância, em minha terra natal, no contato quase que diário com as Filhas da Caridade. Depois, entrando no seminário da Congregação da Missão, a paixão pelo Santo da caridade foi instantânea. Ainda mais quando da descoberta de suas obras completas (os volumosos 14 livros do Pierre Coste), lidos vorazmente na versão espanhola em menos de dois anos. Passados 20 anos desta primeira leitura, agora com os textos sendo traduzidos para o português, decido novamente fazer esta aventura pela *opera omnia*, que agora chamo de Coste-Grossi, em homenagem ao coirmão – Padre Getúlio Mota Grossi, C.M. – que, com afincamento e determinação, encabeçou a árdua tarefa da tradução para nossa língua pátria.

Da primeira vez que li os 14 volumes, fiz um trabalho intenso de anotações e traduções, que intitulei “Fala, Vicente de Paulo”. Depois, tendo pegado gosto pela escuta do Santo por sua própria boca, ainda li as cartas de Santa Luísa de Marillac e as cartas do Bem-Aventurado Frederico Ozanam (dessas leituras, surgiram “Fala, Luísa de Marillac” e “Fala, Ozanam”). Infelizmente, todos esses trabalhos se perderam com o tempo e com as mudanças ocorridas em minha vida. Registrados em disquetes e emails, perdeu-se também sua versão digital.

Agora, o desafio será outro. Não há mais necessidade de traduzir nada, pois a tradução tem sido magistralmente feita por uma equipe renomada. A missão agora é meditar e refletir temas a partir dos textos fundantes.

E por que “São Vicente entre dois mundos”? A resposta pode ser dada de várias formas.

Primeiramente, porque os textos de São Vicente foram escritos originalmente em francês, refletindo essa cultura, e tentaremos aplicá-los à realidade brasileira. Depois, cruzaremos quatro séculos, trazendo-os do mundo da Modernidade para os desafios do momento presente, no que talvez se chame de pós-contemporaneidade. Em terceiro lugar, esta meditação será feita por alguém que viveu intensamente dentro dos limites da Congregação da Missão, no ministério presbiteral, e agora vive em outro mundo, fora do ambiente religioso, embora se mantendo na fé e na participação eclesial.

Essas várias perspectivas inspiraram o título deste trabalho que, esperamos, seja de grande ajuda espiritual para todos aqueles que a ele tiverem acesso.

É apenas o primeiro de uma coleção que será, paulatinamente, escrita. Este precisamente versa sobre os volumes I e II da tradução para o português – ainda inacabada – da magna obra de São Vicente de Paulo.

Trazendo à tona temas discutidos originalmente no século XVII, buscaremos, com toda humildade, reviver e novamente experimentar a ação do Espírito que suscitou Vicente de Paulo, o santo da caridade, no coração da Igreja e do mundo e o enviou em missão como servidor e evangelizador dos Pobres.

Nosso desejo mais sincero é que este livro – como os demais que, se Deus quiser, aparecerão nos próximos anos – seja um oportuno roteiro de meditação para todos os vicentinos e vicentinas, de todos os ramos da grande família de São Vicente, e para todos aqueles que acreditam no Evangelho dos Pobres que provoca a Igreja a ser servidora e evangelizadora dos mais desamparados e excluídos da sociedade.

## A Providência divina

*Como há imensos tesouros ocultos na santa Providência e como honram de modo soberano a Nosso Senhor os que a seguem sem jamais ultrapassá-la. (I, 78)<sup>2</sup>*

Um dos temas mais recorrentes nos escritos e na espiritualidade de São Vicente de Paulo é sua devoção à Providência divina. É do próprio Santo a afirmação seguinte: “Tenho uma devoção particular em seguir passo a passo a adorável Providência de Deus” (II, 252)<sup>3</sup>.

Seguir passo a passo a Providência? O que realmente isso pode significar, tanto para São Vicente como para o mundo atual?

Essa sua devoção é uma crítica às pessoas intempestivas e impetuosas, que fazem as coisas e tomam decisões no calor do momento e sem a devida reflexão. Para São Vicente, essas pessoas correm um risco imenso de não fazer a vontade de Deus e não realizar sua vontade e a si mesmas como seres humanos.

Parece que os negócios de Deus se fazem pouco a pouco e quase imperceptivelmente, e que seu espírito não é impetuoso nem intempestivo. (II, 271)<sup>4</sup>.

Ao dizer que a obra de Deus se faz pouco a pouco, quase imperceptivelmente, São Vicente afirma que não compete tanto aos homens realizarem as obras que são de Deus, afinal são meros instrumentos em suas mãos. E o próprio Deus não é impetuoso nem intempestivo, ou seja, não faz as coisas num repente, a partir de uma explosão de sentimentos e emoções. Talvez por isso mesmo a narrativa da criação do mundo reserve para a obra de Deus o número místico de sete dias... Não foi estalando os dedos que tudo

---

<sup>2</sup> Carta a Luísa de Marillac, 1629.

<sup>3</sup> Carta a Bernardo Codoing, 07/dez./1641.

<sup>4</sup> Carta a Bernardo Codoing, 09/fev./1642.

foi feito, mas com tempo suficiente para que a obra criacional fosse amadurecendo e se consolidando.

Em decorrência disso, as ações humanas também precisam ser feitas passo a passo, sem impetuosidades e irreflexões. Para São Vicente, viver de maneira precipitada e irrefletida traz sérias consequências. Inúmeros são os inconvenientes que podem surgir quando os homens agem movidos por emoções fortes, à flor da pele.

Abandonemo-nos à conduta da amável Providência de Deus e estaremos a coberto de toda a sorte de inconvenientes que nossa precipitação pode nos atrair. (II, 548)<sup>5</sup>.

Mestre da compreensão do ser humano, São Vicente aponta para o risco da busca da satisfação pessoal, mesmo naquilo que gera algum bem. Muitas pessoas podem ser tentadas a achar que, em vista das boas obras, certa urgência justifica ações intempestivas. Mas não é assim que o Santo pensa.

Suplico-vos desconfiar do ímpeto ardoroso da natureza [...]. O espírito de Deus caminha suave e humildemente. [...] Desejo permanecer na prática de nada concluir nem empreender, enquanto estiver nestes ardores de esperança, em vista de grandes bens. (II, 294-295)<sup>6</sup>.

São Vicente reconhece perfeitamente que as pessoas podem ser impetuosas, inclusive nas coisas espirituais. No entanto, independente do fim, qualquer ardor interior, impetuosidade ou intempestividade, mesmo nas coisas que visam a um objetivo positivo, os resultados podem não ser os melhores. Com muita facilidade, essas pessoas podem confundir suas próprias percepções com a vontade de Deus e, o que seria bem pior, confundir as moções de seu egoísmo e de sua vontade de aparecer com aquilo que talvez Deus desejasse para tal situação.

---

<sup>5</sup> Carta a Bernardo Codoing, 29/jul./1644.

<sup>6</sup> Carta a Bernardo Codoing, 01/abr./1642.

É por isso que São Vicente afirma:

As coisas de Deus se fazem por si mesmas e a verdadeira sabedoria consiste em seguir a Providência passo a passo. E ficai certo da verdade de uma máxima que parece um paradoxo: nas coisas de Deus, quem se apressa recua. (II, 552)<sup>7</sup>.

Ora, esta realidade chega a doer nos ouvidos das pessoas impetuosas e ávidas de praticar boas obras de maneira intempestiva. Nas coisas de Deus, apressar é retroceder, afinal, as coisas de Deus acontecem de maneira singela e calma. É neste mesmo sentido que o escritor mineiro Guimarães Rosa afirma em sua obra: “Deus age de mansinho. O diabo gosta de estardalhaço”.

Assim, é preciso manter ainda hoje a mesma devoção de São Vicente à Providência divina. E como fazer isso?

Primeiramente, a partir de uma vida de oração e reflexão, a partir da qual se busca escutar a vontade de Deus e compreendê-la em meio a tantos tumultos do mundo atual. Em outras palavras, ouvir a história e a Deus que fala através da vida e dos acontecimentos.

Temos nos empenhado em seguir, em todas as coisas, a santa Providência e temos procurado não colocar o pé a não ser onde ela nos indicou. (II, 528)<sup>8</sup>.

Em seguida, e como consequência de uma vida interior aguçada, acalmar as impetuosidades próprias do agir humano; buscar a calma e a serenidade necessárias para as decisões e jamais permitir que alguma decisão seja tomada com base nos sentimentos e nas emoções desordenadas. Afinal, “as coisas de Deus se fazem pouco a pouco, quase sem que as percebam, e seu espírito não é precipitado nem intempestivo” (II, 753)<sup>9</sup>.

---

<sup>7</sup> Carta a Bernardo Codoing, 06/ago./1644.

<sup>8</sup> Carta a Bernardo Codoing, 16/mar./1644.

<sup>9</sup> Carta a Bernardo Codoing, 09/fev./1642.